Lições Aprendidas com a Participação de Honduras na Operação *Iraqi Freedom*

Major Omar A.Videa, Exército de Honduras

A PARTICIPAÇÃO DE HONDURAS na Operação *Iraqi Freedom*, como integrante da Coalizão Multinacional liderada pelos Estados Unidos, ocorreu no contexto da Resolução 1483 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Por razões políticas, nossa participação durou aproximadamente um ano, de setembro de 2003 a junho de 2004.

Com o apoio dos Estados Unidos, Honduras enviou um batalhão de infantaria leve com equipamentos e suprimentos básicos de campanha, porém com capacidade limitada de meios de apoio ao combate e de serviços. Esses limites foram definidos em acordos e memorandos de entendimento (S.O.F.A. e M.O.U.) firmados com os Estados Unidos, Espanha e Polônia. Mediante esses acordos, os Estados Unidos apoiaram o Contingente Hondurenho com suprimento Classe I, equipamento especial de Classes II, III e IV, além de viaturas e equipamentos de comunicações.

O batalhão ficou responsável por um setor, especificamente ao norte da cidade de An Najaf. Operou sob controle operacional da Brigada Multinacional "Plus Ultra" da Espanha, que integrava a Divisão Multinacional, sob o Comando da Polônia (MND-CS), cuja área de operações compreendia o centro-sul do Iraque.

De modo particular, creio que o Contingente Hondurenho cumpriu com êxito sua missão de propiciar um ambiente estável e seguro em sua área de responsabilidade. Apesar de todas as limitações logísticas e das restrições operacionais impostas pelas regras de engajamento, estabelecidas pelo escalão superior em Honduras, foram estabelecidas condições de segurança própria que contribuíram com a transição do Governo local para as autoridades civis iraquianas.

Acima descrevemos, de forma geral, a participação de Honduras como parte da Coalizão Multinacional no Iraque. A seguir, iremos apresentar alguns detalhes e lições aprendidas nas fases de preparação, deslocamento e condução das operações.

O Major Videa é pára-quedista e graduado do curso de Comando da ex-Escola das Américas (atual WHINSEC) no Forte Benning, Geórgia onde serviu como professor convidado de 1988 até 1989. É Licenciado em Pedagogia com orientação em Administração Educativa, Formado da Universidad Nacional Autónoma de Honduras. *Em 1995, participou na missão de manutenção da paz no Haiti com as Nações Unidas e em 2000 participou como observador militar na missão das Nações Unidas para o Referendo do Saara Ocidental, na África. A partir de junho de 2003 até fevereiro de 2004, tomou parte do Batalhão Expedicionário Xatruch-1 que participou na Operação* Iraqi Freedom *como parte da Coalizão Multinacional. Em 2005 se formou do Curso de Comando e Estado-Maior na Escola de Comando e Estado Maior das Forças Armadas de Honduras. Atualmente é aluno do Curso de Comando e Estado-Maior, no Forte Leavenworth, Kansas.*

Exército de Honduras

Fotografia aérea do acampamento do contingente hondurenho em An Najaf, Iraque.

A fase de planejamento e preparação

O aspecto mais crítico na preparação e condução desse tipo de operação se constitui em contrapor-se à campanha de propaganda negativa realizada por pequenos grupos políticos e sociais, que se opõem a tudo o que vêem, segundo uma perspectiva de esquerda ou de direita, sem nunca adotar uma postura neutra que busque o bem comum. Como parece, esse é o "calcanhar de Aquiles" de toda instituição militar. Ainda não aprendemos a combater nesse campo, no qual na maioria das vezes terminamos sendo vencidos. Ainda não aprendemos a convencer a opinião pública de que fazemos parte de uma comunidade internacional e que por esse motivo, além de direitos, também temos deveres a cumprir. Além disso, nos parece sumamente difícil combater esse ponto frágil de uma operação, bem como o risco de sofrermos baixas, que os grupos de opositores sabem explorar com muita habilidade. Não sabemos ressaltar os benefícios que o país receberá, já que esses são abstratos, como por exemplo: desempenhar um papel melhor na comunidade internacional, fortalecer os laços de amizade e de cooperação com os países amigos e aliados, além de melhorar e ampliar o adestramento das tropas.

Uma das lições aprendidas foi que se deve manter uma luta contínua durante a missão e não apenas no seu início. As operações de informações devem ir aumentando de intensidade para que se alcance o objetivo traçado, pois caso contrário as tropas poderão ser retiradas.

Como parte da preparação, estruturou-se uma unidade especial que participaria da operação, o que foi necessário em virtude de não se possuir uma unidade com aquelas características específicas. As vantagens de se organizar uma nova unidade é que se pode priorizar as habilitações necessárias à operação, como por exemplo: grupo de atiradores de elite, polícia do exército, pessoal feminino, pessoal de saúde, dentre outros. A desvantagem, se assim pode ser definida, implica no fato de ter-se que cumprir uma série de requisitos legais, estabelecidos pelo nosso sistema jurídico. Além disso, há necessidade de se trabalhar muito para formar uma unidade bem organizada, com espírito de corpo desejável e que, quando preparada, funcione melhor que uma cadeia de comando.

Considerando que a preparação das avaliações e os planos de operações deviam iniciar de imediato, o comando da unidade foi o primeiro a ser organizado e se concentrado no estudo da missão. O reconhecimento da área de operações foi fundamental para orientar o planejamento.

Abaixo são mencionados alguns aspectos críticos que nenhum integrante do comando deve esquecer nessa fase. Por exemplo, o Chefe da Seção de Pessoal (S-1) deve atentar para os seguintes itens:

1. Folha de pessoal de cada integrante da Unidade, com todas as informações pessoais e contato de familiares mais próximos.

2. Ficha de inspeção de saúde e odontológica de cada integrante da unidade. Para o pessoal feminino é necessário o exame de gravidez.

3. Programa psicológico para o pessoal, antes e após a partida.

4. Programa de bem-estar social e moral da tropa.

5. Plano de administração de prisioneiros de guerra.

6. Plano de evacuação de mortos e feridos.

O Chefe da Seção de Inteligência (S-2) deve possuir ou preparar:

1. O estudo completo do terreno, forças oponentes, condições meteorológicas e seus efeitos sobre o pessoal e as operações. Essa informação deve ser integrada no planejamento dos escalões superiores.

2. Plano de coleta de informações, que inclua uma rede externa e para a qual são necessários recursos econômicos.

Exército de Honduras

Comando e estado-maior do BEX-1 na entrada do acampamento.

3. Plano de contra-inteligência, que inclua o controle do pessoal que acessa à unidade, controle de documentos e neutralização da observação de nossas atividades que o oponente realiza diariamente.

4. Plano para administrar prisioneiros de guerra e pessoal civil detido, que inclua o local de detenção, interrogatório na presença de oficiais especialistas, caso contrário deve realizar-se a transferência para um local do escalão superior.

5. Plano de segurança das instalações que inclua sistema de detecção e alarme.

O Chefe da Seção de Operações (S-3) deve:

1. Determinar as listas de tarefas essenciais para o cumprimento da missão e os planos de adestramento, de acordo com as respectivas atividades.

2. Orientar o adestramento no sentido de se alcançar um alto nível de disciplina, condição física e espírito de corpo.

3. Preparar planos de reação contra possíveis ataques à base, com diferentes cenários que contemplem, não apenas a reação dos soldados, mas também a reação de cada um dos níveis de comando, aí incluídos o comandante e os membros do escalão superior.

4. Coordenar com o Oficial de Logística o cálculo da munição necessária e de outros equipamentos especiais para o adestramento na área de operações.

5. Conhecer e compreender as possibilidades e limitações da unidade, o tipo de arma a ser empregada em operações urbanas, bem como as restrições impostas pelas regras de engajamento.

O Chefe da Seção de Logística (S-4) deve:

1. Determinar as necessidades de material e equipamento necessários na área de operações e analisar o impacto que as condições metereológicas, o terreno e as forças oponentes ocasionarão no equipamento e no pessoal.

2. Rever as leis, acordos e tratados dos países pelos quais as tropas, armas e equipamentos transitarão.

3. Ter conhecimento e entendimento completos sobre os acordos (S.O.F.A.) firmados pelo país com os demais países participantes.

4. Preparar um plano detalhado do embarque de pessoal e material.

O Chefe da Seção de Assuntos Civis (S-5) deve possuir:

1. Conhecimento das possibilidades da Unidade para desenvolver operações de assuntos civis e assistência humanitária.

2. Um plano de apoio à população que vive nas adjacências do acampamento.

O Comandante do Pelotão de Comunicações deve:

1. Definir os equipamentos de comunicações compatíveis e os não compatíveis com os das forças dos demais países que operam na área.

2. Definir a quantidade de equipamentos de comunicações reservas que se pretende conduzir para a missão.

Conforme foi dito, anteriormente, não se pretende descrever todas as tarefas e ações que devem ser realizadas pelos membros do escalão superior. Simplesmente, trata-se de uma lista de atividades consideradas críticas para que a unidade

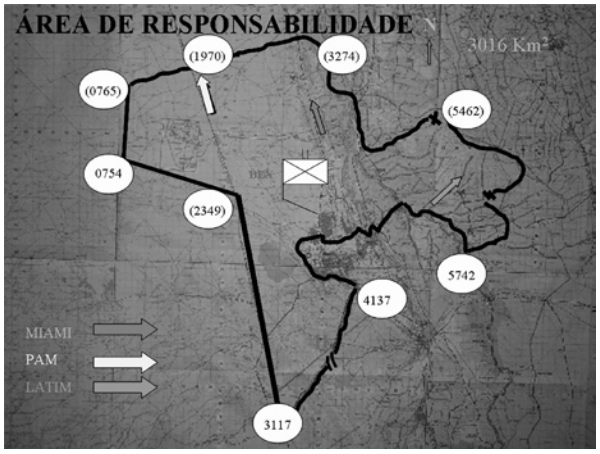
Exército de Honduras

Aldeões da comunidade Kadim as Salman.

cumpra sua missão com sucesso e que possa, se necessário, ser empregada em operações futuras.

Além da seleção correta de pessoal, o treinamento é fundamental. Esse inclui estudos sobre o Iraque, seu povo, cultura, costumes e o aprendizado básico de seu idioma. Para isso foi necessário contratar instrutores oriundos daquele país. Além dessa medida, houve a assistência de um grupo de Oficiais do Exército americano, mais particularmente da Força Tarefa Combinada Bravo (J.T.F. Bravo) com base em Comayagua, em Honduras. Eles assessoraram para a certificação de que a Unidade encontrava-se pronta para a missão.

Outro aspecto sumamente crítico, durante a fase preparatória, refere-se à logística. Inicialmente deve-se determinar as necessidades de material e de equipamento para apoio às operações por um determinado período. Considerando as dificuldades de ressuprimento das bases logísticas do país, torna-se fundamental definir, de forma precisa e detalhada o que será necessário na missão, caso contrário, esse aspecto poderá afetar a condução das operações e o bem-estar de seu pessoal. O oficial de logística, na coordenação das operações, deve determinar o tipo de armas mais adequadas para cada operação, a quantidade e o tipo de munição que deve ser conduzida. Na preparação da carga, também se contou com a assistência de uma equipe da Força Aérea dos Estados Unidos, designada pela Força Tarefa Bravo. O apoio proporcionado por esse grupo foi valioso, pela experiência e conhecimento que eles possuem das várias aeronaves que podem ser usadas para o transporte de pessoal, equipamento e carga. Um detalhe simples que, a primeira vista,



Exército de Honduras

Exército de Honduras

Na foto aparecem os Generais Sánchez, Figgurez e Andrzey Tyszkiwiez.

parece insignificante, mas que deve ser destacado é a identificação da carga com suas medidas, seu peso e a descrição do seu conteúdo. Isso facilitará o armazenamento posterior e a recuperação de algum item quando necessário.

Uma lição aprendida nessa fase de preparação é que os oficiais do estado-maior da unidade e outros em funções importantes, devem manter-se totalmente voltados para o treinamento e a preparação dos planos. Outros oficiais, que possam ser designados para desempenhar tais atividades no futuro, devem encarregar-se da obtenção, da preparação da carga e de outros aspectos administrativos inerentes à operação.

Fase do Deslocamento e da Partida

O movimento da unidade incluiu uma atividade em São Clemente de Sasebas, Gerona, na Espanha. O Exército espanhol concentrou-se nessa base juntamente com os contingentes de Honduras, El Salvador, Nicarágua e República Dominicana, ou seja, aqueles que integravam a Brigada Multinacional Plus Ultra, sob o Comando da Espanha. Durante uma semana, militares forças especiais da Espanha proporcionaram treinamento de todo o contingente em vários tópicos, especialmente em patrulhas urbanas, estabelecimento de postos de controle e diferentes armadilhas explosivas que estavam sendo usadas pelos insurgentes no Iraque.

Acredito que os resultados foram positivos dessa semana de treinamento na Espanha, pois tivemos a oportunidade de identificar todos os

integrantes da Força Multinacional, conhecer a forma de operar do Exército espanhol, fortalecer da coesão do grupo, além de reforçar o treinamento recebido anteriormente.

Depois da escala na Espanha, o contingente foi transferido para uma zona de concentração no teatro de operações no Kuwait.

A nossa área de destino foi o Campo Virgínia. Neste local são realizados os preparativos finais para que o pessoal, armas, equipamentos e material sejam transportados via terrestre para a área de operações. A preparação durou três dias, tempo que também foi valioso para que o pessoal se adaptasse as condições meteorológicas da região. Com temperaturas acima de 40 graus centígrados e tempestades de areia, esse período serviu como uma adaptação ao terreno desértico, onde a tropa iria operar.

O movimento para a área de operações foi realizado utilizando-se guias e forças de proteção do Exército dos Estados Unidos. Para o transporte do pessoal foram utilizados ônibus com ar condicionado. Tal medida tornou-se necessária, pois seria muito difícil efetuar o transporte em viaturas militares, em razão da alta temperatura e da longa distância a ser percorrida. O deslocamento durou aproximadamente 13 horas, tendo-se saído do Campo Virgínia às 15:30 h e chegado ao nosso acampamento em An Najaf às 4:30 h do dia seguinte.

O acampamento achava-se ocupado pela Companhia ALFA do 1/7 dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, tropa que iríamos substituir. Pareceram-nos admiráveis as condições em que viviam ali os Fuzileiros Navais norte-americanos.

Exército de Honduras

Um tradutor dando aulas da língua árabe.

Exército de Honduras

Oficiais e soldados recebendo aulas da língua árabe durante horas da noite.

No pequeno acampamento de 150 metros de cumprimento por 100 metros de largura, havia seis edifícios de blocos de concreto cobertos com lona, com capacidade para resistir até mesmo ao ataque com granadas de morteiro de 81 mm. Esses edifícios estavam ligeiramente protegidos por um muro de blocos de concreto, com uma altura de aproximadamente 1.80 m, que havia sido reforçado com duas cercas exteriores de arame, um fosso anti-carro na frente do acampamento e com posições defensivas ao redor de todo seu perímetro.

O acampamento não possuía energia elétrica, a ducha era de mangueira que havia sido conectada a uma tubulação que passava perto do acampamento. Os sanitários eram barris cortados pela metade. A alimentação consistia de rações enlatadas, conhecida como M.R.E. (*Meals Ready to Eat*). Não havia camas de campanha ou camas normais. Os Fuzileiros Navais dormiam no chão, com todo o material pronto para operar. Tal fato nos surpreendeu, mas ao mesmo tempo nos fez compreender porque esses soldados são considerados um dos melhores do mundo. Impressionou-nos como esses militares, acostumados a ter tudo que seja necessário e toda a comodidade em suas casas, são capazes de resistir a todas essas limitações e operar como verdadeiros profissionais por longo tempo.

Foi necessário a instalação de barracas de campanha para acomodação de todo o pessoal, suprimentos, cozinhas e refeitórios. A preparação do acampamento para que tivesse condições de acomodar todo o pessoal levou mais de quatro meses. Foram instalados geradores de energia elétrica, ar condicionado e calefação nas barracas

Exército de Honduras

Ajuda humanitária nos aspectos de atenção médica (avaliação das crianças que sofrem de paralise parcial e retardação mental). Esta atenção foi presta por uma equipe médica puramente hondurenha. Bairro da cidade de An Najaf nos arredores da base Tegucigalpa.

de campanha e nos edifícios, duchas com água quente e fria, sanitários portáteis e um refeitório. Os edifícios foram preparados para receber o posto de comando da unidade, alojamentos do pessoal e depósitos de munição. Preparou-se uma oficina de manutenção de viaturas, além de um heliporto, que era usado como ponto de reabastecimento. Reforçou-se a segurança do acampamento com a construção de um muro anti-tanque para defesa contra ataques de carros de combate, a instalação de um posto de controle, a preparação de uma rota de fuga, a montagem de outra cerca no perímetro da base com arame, torres de observação, posições de defesa suplementares, sistema de alerta e de outros trabalhos de proteção da tropa. A lição aprendida nessa fase foi que a proteção da tropa deve constituir-se num esforço contínuo e diário e que deve-se, inclusive, designar um oficial responsável por essa tarefa. Este encargo deve ser atribuído ao subcomandante da unidade, o elemento em contato direto com a coordenação dos profissionais de inteligência e com a logística diária, o pessoal que deve analisar e implementar as medidas necessárias para que se evite acidentes decorrentes de ataques surpresa do inimigo.

A passagem das atribuições na área de operações por parte da companhia de Fuzileiros Navais durou três semanas. Durante esse tempo nos familiarizamos com a área, realizando patrulhas combinadas e postos de segurança. Conduziu-se uma operação de reação ante um iminente ataque a base com morteiros, encontrando-se uma quantidade incontável de munição, granadas de morteiro, granadas anti-carro e de fuzis. Toda essa munição abandonada foi destruída, graças à colaboração da equipe de sapadores pertencentes ao contingente da Nicarágua.

A passagem da responsabilidade finalizou-se com a condução de uma operação de busca de armas e de insurgentes, em um centro residencial de An Najaf. Todas essas operações serviram como medida para certificar se estávamos preparados para cumprir a missão que nos havia sido atribuída.

Conduta das Operações

A missão do contingente Hondurenho no Iraque consistia na proteção dos depósitos de munição pertencentes ao antigo Exército iraquiano. Outras missões como a proteção de oleodutos, escolta de comboios logísticos, criação e manutenção de um ambiente estável e seguro em An Najaf, tendo sido, posteriormente, acrescentada a tarefa de adestrar um batalhão de Defesa Civil do Iraque.

A proteção dos depósitos de munição foi realizada mediante o estabelecimento de postos de segurança fixos e de patrulhas de vigilância permanentes.

A proteção dos oleodutos foi realizada com o emprego de patrulhas diurnas e noturnas, tendo se empregado para isso, os aparelhos de visão noturna.

Em An Najaf, diariamente realizavam-se patrulhas e instalavam-se pelo menos quatro postos de controle nas principais entradas e saídas da cidade em busca de armas, explosivos e insurgentes. Conseguimos capturar uma grande

Exército de Honduras

Soldados hondurenhos entregam alimentos de ajuda humanitária na comunidade de Sayyid Musa.

Exército de Honduras

Munição encontrada sendo preparada para ser destruída.

quantidade de armas individuais, morteiros, munição e pessoal suspeito. Além disso, foram instalados postos de observação para acompanhar o movimento de possíveis insurgentes. Esse sistema de coleta de informações, junto com outros meios, confirmou a hipótese de que as milícias de Mahdi estavam fortalecidas e poderiam anular o comando da cidade de An Najaf. A lição aprendida aqui foi que uma insurgência deve ser combatida com todos os recursos possíveis desde o início. Se o combate não for realizado quando a insurreição estiver começando, mais tarde tornar-se-á muito mais difícil combatê-la ou vencê-la. No início da insurgência deve-se criar um clima de estabilidade e de segurança na comunidade em geral. Para isso, é necessário que sejam lançadas patrulhas de várias frações de tropa (pelo menos um soldado para cada 10 civis), reduzindo-se seus efetivos até que sejam substituídas pelas forças locais, além de possibilitar que a população neutra tenha suas outras necessidades atendidas como obtenção de emprego e o conseqüente sustento da família. Caso contrário, o mais provável é que uma grande parte da população neutra termine apoiando os grupos insurgentes.

Outra lição aprendida foi com o treinamento de um batalhão de Defesa Civil do Iraque. Não fomos preparados para essa missão, mas quando recebida foi cumprida, tendo-se de imediato treinado alguns militares e improvisado um polígono de tiros e outras áreas de treinamento. Um dos nossos problemas foi que contávamos somente com dois tradutores. Mas essa desvantagem foi explorada como vantagem ao utilizá-los como professores de árabe durante a noite. Foi surpreendente assistir vários oficiais e sargentos, em curto prazo, comunicando-se com os membros da defesa civil sem necessidade de tradutor. Estávamos conscientes dos riscos de operar juntos com os novos membros da forca de defesa civil. Acreditávamos que podiam ser infiltrados por insurgentes, com possibilidades de realizar atentados nos campos de treinamento ou roubos de armas e equipamento militar. Mas nada disso aconteceu; ao contrário, os integrantes do Batalhão de Defesa Civil identificavam-se completamente com o Contingente Hondurenho e diziam que pertenciam a nossa Unidade.

Além de todas as tarefas mencionadas anteriormente, tínhamos que prover a segurança do acampamento. Isso era conduzido com posições de defesa nos 360 graus. Além disso, mantínhamos 24 horas do dia, uma forca de reação integrada por patrulhas móveis. Depois do primeiro ataque desencadeado com fogo de morteiro contra o acampamento estabeleceu-se um novo procedimento para condução das patrulhas móveis. Esse patrulhamento passou a ser realizado em dois ou até três anéis ao redor do acampamento. A referência do primeiro anel era o alcance e os prováveis locais de instalação de morteiros 60 mm pelos insurgentes. A referência para o segundo anel era o alcance e os possíveis locais de instalação de morteiros 81 mm, sendo que as patrulhas se deslocavam em sentido contrário. Desta forma, conseguimos diminuir esse tipo de ação realizada pelos insurgentes, que lançavam até três granadas em cada ataque, reduzindo-se, também, sua eficácia, não tendo esses ataques provocados qualquer fatalidade. Além disso, conseguiu-se capturar membros da insurgência com peças de morteiro 60 mm e seis granadas desses armamentos.

Na conduta das operações, a atuação do pessoal foi acima do esperado. O moral manteve-se sempre em níveis aceitáveis, apesar da grande quantidade de missões realizadas diariamente. Da mesma forma, a disciplina manteve-se boa, especialmente devido ao papel desempenhado pelo comando e, em particular, pelo apoio recebido do subcomandante da unidade.

Ocorreram poucas baixas na missão, sendo a maioria delas conseqüência de acidentes com viaturas. Um fator que contribuiu para que ocorressem poucas baixas foi o fato de que, diariamente, após a realização de uma missão

fora do acampamento as técnicas, táticas e procedimentos empregados eram repassados aos novos turnos.

A capacidade de atendimento de saúde da unidade iniciava-se em um posto de socorro composto de um médico clínico geral, de um dentista e de quatro enfermeiros. Foi necessário treinar e formar enfermeiros rapidamente para que se pudesse dispor sempre de um militar de saúde e de um estojo de primeiros socorros em cada patrulha. As evacuações de baixas foram realizadas com o apoio da brigada espanhola, por meios aéreos e terrestres, ocorridas durante a noite e durante as operações táticas. A cadeia de evacuação era iniciada em um posto de socorro localizado no acampamento. O segundo escalão era constituído pelo posto de triagem, localizado no comando da brigada espanhola, em Dywaniya, com capacidade de realizar pequenas cirurgias. A partir deste ponto, a brigada era responsável pela evacuação das baixas até Bagdá, de onde eram transferidos para um terceiro escalão, localizado na Alemanha, sob a responsabilidade dos Estados Unidos, de onde eram transferidos para Honduras.

O apoio logístico proporcionado pelos Estados Unidos, de modo geral, foi adequado. Um problema enfrentado estava relacionado com o transporte, uma vez que nos foram cedidas 20 viaturas do tipo Pick-up Chevrolet, de cor branca. Essas viaturas não eram adequadas para transportar pessoal, nem para conduzir qualquer atividade realizada pela unidade. Não dispunham de nenhuma proteção e como eram viaturas com contrato, não podia ser feita nenhuma adaptação nas mesmas, a não ser a colocação de bancos de madeira para transportar pessoal. Quanto às viaturas leves *HMMWVs*, achavam-se muito rodadas e necessitavam de manutenção constante. Nem sempre encontrava-se as peças de reposição dentro da cadeia logística da divisão, havendo necessidade de se solicitar de outras fontes de suprimento, acarretando demoras ou mesmo nunca chegando as referidas peças. O mesmo aconteceu com os medicamentos que também eram administrados de forma independente da logística da divisão. Os demais suprimentos não geraram problemas, mantinham-se estoque de 30 dias para classe I e de 15 dias para classe III. Todos os demais suprimentos eram realizados pela unidade.

Apesar de nossas limitações em recursos e equipamentos, sempre se pode manter as ações civis e de ajuda humanitária. Foi prestada assistência médica e realizada a entrega de alimentos à população civil que vivia nos arredores do acampamento, tendo-se ao mesmo tempo efetuado o cadastramento dessa população.

Para concluir, vou apresentar, de um modo geral, o funcionamento do comando e controle. Com a instalação e operação durante 24 horas de um centro de comunicações adequado em nosso acampamento, o comando da brigada espanhola tomou a seu cargo a responsabilidade de estabelecer comunicações com os comandos subalternos. O centro de comunicações contava com diversos equipamentos tais como: rádio HF e VHF, telefone via satélite, fax e uma rede de computadores interna (INTRANET). Com todo esse sistema, as ordens e a coordenação do comando da brigada com a divisão ocorriam rapidamente. Com freqüência, o comando da brigada recebia os relatos e transmitia suas ordens por meio de teleconferência. Além disso, esse sistema permitia que a unidade mantivesse ligações com as demais unidades da brigada e da divisão.

Por meio de seu próprio centro de comunicações, o comando da unidade mantinha as ligações e o controle de seus elementos subalternos. Equipamentos de rádio VHF foram instalados nas viaturas e rádios modernos e portáteis acompanhavam as diferentes patrulhas. Isso permitiu que o comandante e o escalão superior pudessem intervir no momento exato de uma operação.

Conclusões

O Contingente Hondurenho que participou da Operação *Iraqi Freedom* cumpriu com êxito a missão que lhe foi atribuída. Todos os integrantes, oficiais, graduados e soldados que participaram, assim como a nossa Instituição armada e o povo hondurenho ficaram orgulhosos pela contribuição prestada, atenuando a crise convulsiva naquele país.

As lições apreendidas nessa operação, assim como a qualidade do soldado hondurenho, certificam a competência das Forcas Armadas de Honduras para participar de qualquer operação solicitada pelo país ou pela comunidade internacional. Tal assertiva pode ser confirmada com a nossa participação na Operação *Iraqi Freedom*.***MR***